A TRIBUNA
Publicado em 18/05/2024 - 05:51

Renda do trabalhador é recorde no 1º trimestre

Renda atinge maior nível no 1º trimestre

Rendimento médio do trabalhador superou R$ 3 mil, mas remuneração de homens ficou 26% acima à das mulheres

DO RIO

O rendimento médio real, habitualmente recebido no trabalho principal, alcançou um recorde de R$ 3.033 no primeiro trimestre deste ano. As mulheres trabalhadoras, porém, permanecem recebendo apenas 80% do salário médio dos homens.

Os dados são da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), apurada desde 2012 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Considerando apenas a renda habitual obtida do trabalho principal (e não de todos os trabalhos), o rendimento médio alcançou patamar recorde no primeiro trimestre de 2024 tanto para os homens, R$ 3.323, quanto para as mulheres, R$ 2.639.

Ou seja, o homem recebe 26% a mais que a mulher em seu emprego principal.

Esses dados integram o desemprego calculado pela Pnad Contínua. A taxa da desocupação aumentou de forma estatisticamente significativa em oito das 27 unidades da Federação na passagem do quarto trimestre de 2023 para o primeiro trimestre de 2024.

O resultado é influenciado por movimentos sazonais, uma vez que os primeiros trimestres de cada ano são caracterizados por aumento na procura por emprego, segundo a coordenadora de Trabalho e Rendimento do IBGE, Adriana Beringuy.

O desemprego no País no primeiro trimestre foi de 7,9%, uma queda de 0,9 ponto percentual na comparação com o mesmo período de 2023 (8,8%). O resultado é o mais baixo da série histórica do primeiro trimestre em dez anos. Até então, o menor índice tinha sido registrado no primeiro trimestre de 2014, com 7,2%.

No primeiro trimestre deste ano, em São Paulo, a taxa atingiu 7,4%. Por estados, as maiores desocupações foram as da Bahia (14%), Pernambuco (12,4%) e Amapá (10,9%), e as menores em Rondônia (3,7%), Mato Grosso (3,7%) e Santa Catarina (3,8%).

Na comparação anual, em relação ao primeiro trimestre de 2023, nenhum estado teve aumento significativo na taxa. (Estadão Conteúdo e Agência Brasil)

ALEXSANDER FERRAZ - 26/8/22

Segundo IBGE, desemprego no País atingiu 7,9% e no estado, 7,4%, mas na Bahia desocupação chegou a 14%

MULHERES

O desemprego entre as mulheres foi consideravelmente mais elevado do que entre os homens no País no primeiro trimestre, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A taxa foi de 6,5% para eles, ante 9,8% para as trabalhadoras. Na média nacional, a desocupação foi de 7,9%. A desocupação ficou abaixo da média nacional para os brancos, em 6,2%, muito aquém do resultado para os pretos (9,7%) e pardos (9,1%). O desemprego para trabalhadores com Ensino médio incompleto foi de 13,9%, mais que o triplo do resultado os que têm nível superior completo, cuja taxa atingiu apenas 4,1%.

Informais são maioria em três estados

A informalidade (sem registro em carteira) mostrou tendência de redução no mercado de trabalho no País no primeiro trimestre. No total do Brasil, a taxa dos informais desceu de 39,1% no quarto trimestre de 2023 para 38,9% no primeiro trimestre deste ano. Todas as cinco grandes regiões registraram diminuição na informalidade no período.

As maiores taxas de informalidade ocorreram no Maranhão (57,5%), Pará (56,7%) e Piauí (54,9%), enquanto as menores foram registradas em Santa Catarina (27,4%), Distrito Federal (30,7%) e São Paulo (31%).

No País, a informalidade dos brancos (33,6%) foi menor que a de pretos (41%) e pardos (43,5%), e maior entre homens (40,3%) do que entre mulheres (37%). "A taxa de informalidade diminui conforme aumenta o nível de instrução", diz a coordenadora de Trabalho e Rendimento do IBGE, Adriana Beringuy. (EC)

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal A Tribuna - Santos/SP

Seção: Economia **Caderno:** B **Pagina:** 2

Copyright © Clipclap 2025.